



50 réis

Coimbra, 20 de dezembro de 1909

A FARÇA

Quinzenario humoristico illustrado

Numero Portugal — 50 réis
avulso Brazil — 400 réis (moeda fraca)

ANNUNCIOS

ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias 600 réis
Brazil (moeda fraca) 3\$800 >
Estrangeiro 5 francos

| | Em um só numero | Por serie de 12 numeros |
|--------------------|-----------------|-------------------------|
| 1 pagina | 35000 réis | 255000 |
| 1/2 » | 15800 » | 155000 |
| 1/4 » | 15000 » | 105000 |
| 1/5 » | 800 » | 85000 |
| 1/8 » | 600 » | 55000 |
| 1/10 » | 450 » | 45000 |
| 1/16 » | 350 » | 35000 |

Tiragem: 3000 exemplares

A responsabilidade de cada artigo pertence individualmente aos seus autores. A direcção litteraria unicamente é responsavel pelos artigos que assigna.

No proximo numero:

Adiada secessivamente a appareição d'*A Farça* por motivos em todo alheios á nossa vontade, ainda este numero e o seguinte não poderão ter a regularidade que contamos imprimir-lhe a partir do 3.º numero. Vai este primeiro numero manchado ainda pelo luto recente que feriu o Director artistico, e que naturalmente arrastou demoras e delongas na appareição da revista. Tambem a direcção litteraria só muito tarde se constituiu e definiu um programma, alterando assim em muito o primitivo projecto, alinhado noutros moldes. *A Farça* apparece hoje com um corpo de redação, litteraria e artistica, que a garante de qualquer eventualidade, e espera nos numeros seguintes introduzir novos e successivos melhoramentos. E' assim que a par de paginas a côres, a primeira das quaes virá já no proximo numero, nos apressámos a annunciar a collaboração artistica de alguns dos mais notaveis artistas estrangeiros. Para a execução deste programma conta *A Farça* naturalmente com o acolhimento correspondente em Portugal e no Brazil.

O baile dos ursos, chronica de Veiga Simões, (illustrações de João de Brito, José de Meyra e Luiz Filippe).

Artigo de João Chagas, com que o illustre publicista iniciará a sua regular collaboração em todos os numeros d'*A Farça* (com desenhos de Jorge Cid).

Uma pagina de Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro.

Conticuere omnes, artigo de Luis da Camara Reys.

Conto do Natal, de Ramada Curto.

Pagida central, a côres — de Luiz Filippe.

Artigo de Alfredo Mesquita.

Artigo de João Pinto de Figueiredo.

Artigo de Camara Lima.

Entre les deux . . . , desenho de Christiano Cruz.

Artigo de João de Lebre e Lima.

Lysias, filho de Bacho, conto de Antonio de Monforte.

Uma carta inedita de Camillo Castello Branco, em que o grande escriptor attinge o maximo da ironia, precedida de palavras do Doutor Lobo d'Avila Lima.

Dialogo sobre o Centenario, de Hippolyto Raposo.

São nossos obsequiosos correspondentes no Brazil:

NO RIO DE JANEIRO:

o sr. Carlos de Azambuja, rua do Hospicio, 13.

NO PARÁ:

o sr. Augusto Marques Coelho, Travessa da Industria, 4.

EM S. PAULO:

o sr. Dr. Antonio Augusto, illustre professor.

MERCEARIA LUZITANA

Gaitto & Cannas

1, Rua do Cego, 7 — COIMBRA

Especialidade em

Chá, café e vinhos finos

Deposito dos vinhos da

Real Companhia Vinicola

e da

Associação da Bairrada

Materiaes de construcção

Agencia de seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8

Concurso de cartazes artisticos

Num dos proximos numeros abriremos um concurso de cartazes artisticos para diversas casas commerciaes e a que concorrão artistas nacionaes e estrangeiros.

Iniciará esta serie de concursos uma casa de Lisboa, muito conhecida pelas grandes transações que effectua e pela sua ousada iniciativa.

Anno I

N.º 1

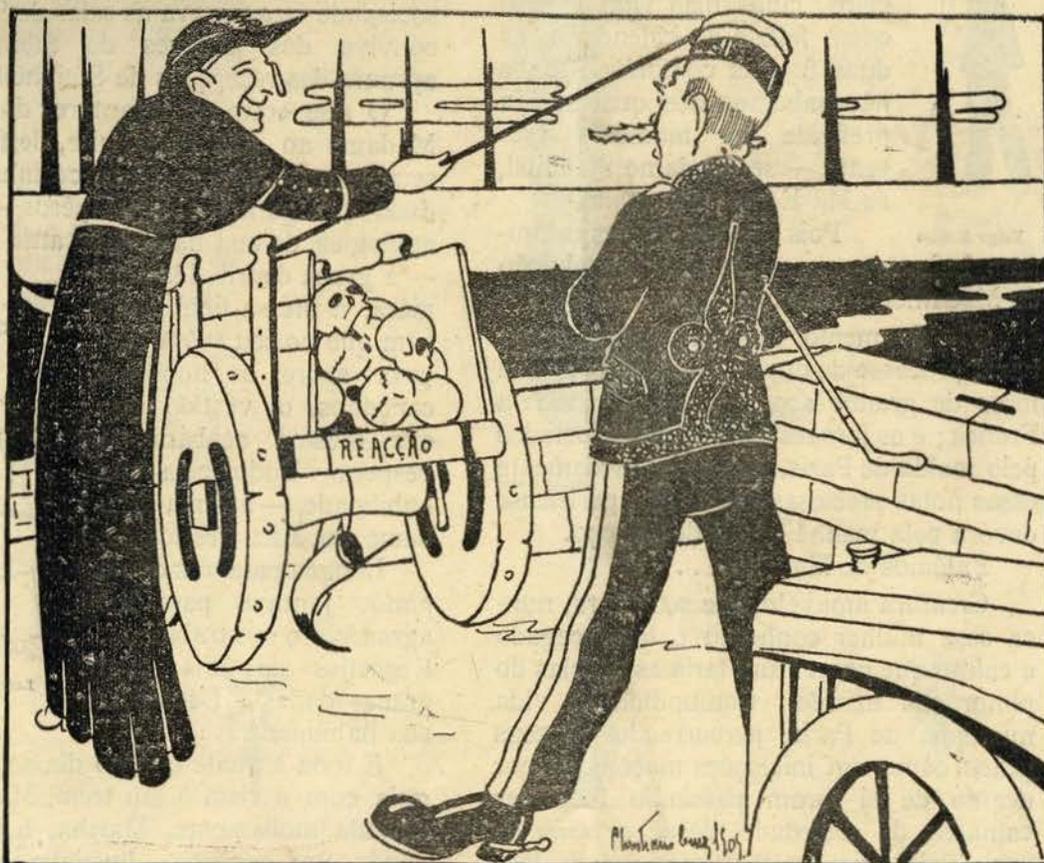
A FARÇA

COIMBRA, 20 DE DEZEMBRO DE 1909

Director artistico — Luiz Filipe
Direcção litteraria de Veiga Simões
Administrador e proprietario,
Thomas d'Alvim

Redacção — RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7
Administração — LARGO DA MATHEMATICA, 16
Composição e Impressão,
TYPOGRAPHIA LITTERARIA — COIMBRA

A historia da Regencia



— Então quem foi que arredou, eu ou tu?

Crónica

DEBATEM-SE em Paris dois acontecimentos nacionaes: a *première* do *Chantecler* e o julgamento de Madame Steinheil. E ao que dizem os jornaes, os logares do Palacio da Justiça sam disputados com obstinação egual ao delírio elegante e patriótico que comprime a França junto á bilheteira do *Porte-de-Saint-Martin*. Para o parisiense ligeiro, cujos dias vam caíndo como folhas de calendario, as duas figuras confundem-se; e não sabemos nós qual será a preferida no momento presente, — se Madame Steinheil, se Mr. Edmond Rostand.



Veiga S'mões

Pois que os jornaes estam-pam hoje em grossos typos a absolvição de Madame, — fallêmos della.

O julgamento de Margueritte, num banal processo de duplo assassinato, tomou fóros de grande acontecimento em toda a França; e os jornaes estrangeiros, cortados pelo molde de Paris, traduzem avidamente essas notas preciosas que todo o parisiense devóra pela manhã, antes de almoço.

Falêmos de Madame . . .

Creatura amavelmente seductora, nunca essa mulher conheceu o lar socegado e calmo que porventura faria as delicias do pintor seu marido. Confundida na vida mundana de Paris, percorrendo os seus grãos como em iniciações maçonicas, por deante de si foram passando todas as camadas da sociedade, desde o *maire* da sua aldeia, primeiro requestador duns doze annos gaiatos, a Mr. Felix Faure.

Perdida nos cançãos da vida futil Madame depressa reconheceu que o seu primeiro ponto de honra iria residir em não baixar do horisonte a que a guindára a sedução do corpo. Desfeita em lagrimas, rememora o seu interrogatorio toda essa vida de artificios, a vida estreita no lar, traços de miseria cortando dia a dia a apparencia triumphal, e que era preciso apagar, custasse o que custasse. Pelos salões elegantes de Paris, Madame erguia-se entre alas de murmurios. E toda essa sociedade atravessava as salas de Steinheil, conviva dos jantares de Steinheil, no aprumo das recepções de Steinheil.

O que eram esses jantares di-lo agora Madame ao Juiz Presidente, desfiando os seus longos martyrios na cosinha, o cuidado que punha nos tempêros, — longas apologias da sua habilidade ante o pintor, — a graça distribuida pela mêsa, a prêssa finalmente com que no seu *toilette* lançava sobre os hombros cançados o vestido que ella mesma acabára na vespera. Tudo pela sua habilidade, — affirma Madame ao Juiz Presidente.

Longas palavras que o pintor juntava para lhe agradecer o seu trabalho... Regosijos da filha, com graças dadas a Deus pela sua habilidade . . .



Luiz Filippe

E toda a gente que no dia seguinte seguia com a vista o seu trem, Madame recostada mollemente, Martha, a filha, perdendo um sorriso, — invejava do fundo aquella vida facil, ligeira como a propria

vida, gasta ao de leve sem dar por isso.

Porque me havia de surpreender a salva de palmas com que o publico premiou a decisão?

Levantando esse gesto absolutorio que restituía Madame á vida de Paris, o publico affirmava bem alto o espirito parisiense, defendendo-se, com um garbo que o mundo inteiro teria adivinhado, e terá aplaudido.

A bôa Madame...

Durante esses dias longos do julgamento, o publico de Paris disputava a preços reaes conhecer de mais perto o processo, a vida de Madame, as suas confissões. Aprehensivamente, o publico lançou-se pela *affaire Steinheil* com um interesse e um cuidado que só inspiram as proprias causas. Com que satisfação elle foi reconhecendo que as palavras de Madame, o embrulhar do caso, as suas contraditas, tudo nasceu do desejo parisiense de ir cobrindo com o proprio manto

as miserias de casa, sem reparar que quanto mais cobria umas logo as outras apareciam, pequeno como é o manto da mentira para as poder cobrir todas,—ainda mesmo em Paris.

Agora mesmo, a nota miudinha que um jornal lançou a um canto, me vem dizer que ainda na prisão, Madame recebeu a proposta de cem mil francos para a exhibição durante um mês, num grande theatro da capital. Decididamente é a

fortuna que aparece a Madame, embrulhada na amavel cobertura do espirito francês.

Ah! Paris deve sentir-se bem feliz em ter de novo nos seus braços a graciosa Madame, que era todo o seu espeelho!

A bôa Madame...

E como o publico irá agora bem menos apprehensivo completar o seu gaudio nas recitas de Mr. Rostand...

14 Nov.



Madame Steinheil

Veiga Simões



A FARÇA

Não sabemos por que extranha degenerescencia as classes dirigentes da nossa terra caíram na vida mentirosa da farça.

Guerra Junqueiro, o grande critico e o emocionante poeta, finge-se philosopho do... radium, e provador de vinhos. Farça.

Theophilo Braga, poeta e scientista, finge-se chefe politico, e é do directorio republicano.

Na politica monarchica, abundam cavalleiros, aliás conspicuos, capazes de serem optimos regedores ou enxertadores de videiras que fingem de estadistas. Farça.

Na familia nas escolas e na sociedade, a farça é a grande escola em voga.

Estróinas ha que não são capazes de comprehender o que ha de grande na harmonia do lar, e que na rua, no theatro e nos salões fingem carinhos familiares e ternuras de farça.

Plebeus ostentam brazões nos ancis com-

prados com o luero do balcão; estupidos alargam a elevação da testa para fingirem de talentosos; alguns ha que usam oculos fixos para fingirem de sabios á moda allemã. Tudo farça.

Ha professores que só leem os indices dos livros, para fingirem de eruditos. Ha quem não coma para ostentar automoveis, e para ter assignatura em S. Carlos.

Meninas ha que para fingirem grandes cabelleiras gastam muito dinheiro na compra de cabelo atheio. Sempre farça.

Falam ás vezes meigamente com ademanos estudados, os que só teem agrura no coração. Fingem de carinhosos, bons e bem educados, muitos que só pensam em ferir ou atraíçoar.

E' a farça da vida.

E o exemplo vae tão fundo que até já não é difficil encontrar nas gerações novas, victimas da imitação dos velhos, rapazes que mentem a uma mulher linda que lhes pede amor.



Thomaz Alvim

Lisbõa, 10-12-909.

CARNEIRO DE MOURA.

Carta a D. Filippa de Vilhena sobre uns remotos successos revoluccionarios

Ex.^{ma} Senhora Minha:

A alma patriótica de V. Ex.^a deve docemente regosijar-se, grata e enternecida, perante a constancia e asserro com que nós — indignissimos rebentos da raça viril e nobre dos conjurados — continuamos celebrando com pontualidade e feriados, com patriotismo e stearina, o dia em que *ella* rebentou, o grande dia historico, que no dizer de escrupulosos chronistas «amanheceu puro e alegre». No vago e nebuloso «Alem» donde V. Ex.^a contempla as nossas luminarias e a nossa alegria, deve parecer-lhe bem sincero e bem sentido o nosso espolinhar patriótico, tantas e tão densas são as camadas de azul que nos separam; mas se o historico pé de V. Ex.^a voltasse agora a pousar no pardo lodo terreno, se V. Ex.^a consentisse em baixar da commodidade fôfa da Bemaventurança até ás durezas asperas da vida moderna, tremendas e acabrunhantes seriam as suas desillusões, minha excellente senhora.

Tremendas e acabrunhantes seriam, na verdade, essas desillusões, porque — com descarado desplante o confesso — se hoje ainda alguém dá importancia a 1640 não é propriamente a data da revolução, é a quantia em réis, tinindo no bolso em tres reluzentes *c'roas*, num fôsko tostão em nickel e em dois sonoros vintens. Desse remoto feito e das suas consequencias só nos importa o feriado, que o Estado, mandrião e tradicionalista, commemorativamente concede, porque, de resto, toda essa sarrafusca de fidalgos de sombreiro de arrogante pluma, com o seu tinir de ferros, os seus brados de aclamação, as suas duquezas que empalidecem, tudo isso nem mesmo vive, na nossa memoria ou, pelo menos, só vive num calendario-reclame duma fabrica de bolachas, onde, por signal, ha um Miguel de Vasconcellos muito mal feito dentro dum armario ainda mais mal feito.

Ha-de parecer desairoso para V. Ex.^a, sr.^a D. Filippa, que nós não celebremos sinceramente o facto de ter para a gloria que o caso se *armam* seus *fi-banca* e que nós Eu não de V. Ex.^a, mas airosas razões.



Feliciano Santos

Depois que commum, «sa-uma coisa com annos passa-

veu depois o sr. José Luciano; nasceu a crise vinicola; publicou-se o *Diario de Noticias*, coisas minimas e coisas maximas decorreram e hoje estamos a paginas treze da casa de Bragança, com uma carta constitucional, tres actos addicionaes e muita paz e prosperidade, garantidas solemne-mente pelo sr. Conselheiro Accacio, todos os domingos á noite, nos chás de D. Luiza, a virtuosa esposa do engenheiro Carvalho. De maneira que, está V. Ex.^a vendo, enfreado correr dos terapos nós perdemos a «osga» atavica pelo támos ás boas com a Hespanha e ainda ha pouco, até, lá mandamos dar dois dedos de palestra com o rei hespanhol, um optimo rapaz, julgo, não pensa em invadir-nos, porque tem mais que fazer (elle pae todos os annos), a não ser que por isso mesmo, «por ter mais nha a sentir necessidade de mais territorio para alojar a familia.

Entretanto nem tudo é serena confiança na Hespanha, porque repuxando o olho finorio, assegura que ella «tem a sua fisgada», que ella de ha muito nos vem invadindo. Embora isto peze a V. Ex.^a dizer que ha alguma verdade no afirmar dos patriotas finorios. Para concupiscencias do sr. Palma Cavallão, que «só aprecia a bella hespanhola», nós vimos de ha annos a esta parte introduzindo no paiz, — todos os annos e, em geral, na primavera — um saldo de hespanholismo, com as suas castanholas e os seus sapateados, verdadeiramente perigoso para a nossa autonomia. Não se entra num cinematographo, não se passa numa rua que se não ouça uma voz a ganir que tem uma pandeireta *mui regular* ou se não sinta pousar sobre nós, pedinchão, faminto e negro, um olhar que rebusca no fundo do nosso bolso a *c'roa* apetecida e no fundo dos nossos olhos um laivo de desejo. E' a Hespanha que nos faculta o amor vadio, que nos rouba a

armado cavalleiros os seus dois rapazes, empurrando-os nobremente da patria, mas todo o desaire desaparecerá se eu disser a V. Ex.^a repete hoje frequentemente, que todos os dias mamãs heroicas lhos com duas *c'roas* e os incitam, tambem nobremente, á gloria da não celebramos por isso as mamãs heroicas.

quero apoucar o glorioso heroismo (nós hoje chamamos-lhe *tesura*) entendo que devo justificar o nosso desinteresse com fundadas e

os contemporaneos de V. Ex.^a, no dizer arrebicado do gasto logar cudiram o jugo de doze lustros» (no que fizeram muito mal, porque tanto lustro, mesmo um jugo, devia conservar-se) longos, monotonos ram: deslisou suave ou atropeladamente uma longa serie de reis;

com este des-



Emilo Martins

castelhano, vol-o nosso rei a que, segundo arranja a ser que fazer», ve-

muito patriota, afirma mesmo devo no entanto satisfação das

carteiras, que nos faz os tostões de chumbo e as notas falsas e é ainda a prestante Hespanha que se encarrega de as passar. A Hespanha tornou-se, na verdade, imprescindível na nossa vida: ella sollicitamente e sem ganancia tudo nos offerece desde o tabaco de contrabando até ao amor tambem de contrabando; desde o prestante moço de fretes até ao egualmente prestante gatuno que põe a arejar cuidadosamente o recheio duma ourivesaria.

Tanta sollicitude entenece e se ella tem realmente a intenção de novamente dominar-nos de tão pacifica maneira, substituindo os tiros por beijos, fuzilando-nos com tostões de chumbo em vez de balas, aturdindo-nos com danças lascivas e com as sensações fortes do escamoteamento da nossa carteira, então, sr.^a D. Filippa, tambem eu, — eu que ainda sou um pouco patriota e costume chamar tezissimos aos antepassados, que andaram na India a dar cutifraqueza. V. Ex.^a falla bem porque é mulher e já morreu ha muito tempo; porque se V. Ex.^a fosse homem e homem de hoje eu queria vêr como é que se arranjava deante dos olhos duma hespanhola, estonteantes e negros, a cocegarem-lhe o fundo da alma. Olhe que até ministros de estado, homens de patria e familia, teem descido ao sacrilegio de abençoar *la sangre* e outras miudezas hespanholas, babados e rendidos sobre o seio moreno das Lolas e das Conchas. A Hespanha é habilidosa e eu sou com muita consideração e desculpas da maçada



João Brito

ladas e a vender pimenta — então tambem eu applaudo e desejo essa dominação, e que bemdita seja ella entre as dominações porque, embora repudie com nojo honesto a vitrine arrombada, a nota falsa e outras trapacices, prefiro render-me deante duns seios turgidos e nus de mulher a faze-lo deante do peito chato e condecorado dunt general.

Estou vendo o claro espirito de V. Ex.^a entenebrececer-se de iras e furores perante o desfilar da nossa amorosa

S. vos humilde

Feliciano Santos

NO BAILE DOS URSOS:

Retalho de conversa dum jurisconsulto amorudo para uma timida da alta:

- ... ansioso por encontrá-la...
- Mas o papá...
- O poder paternal não tem efficacia alem da maioridade. E sua mãe, é conivente na recusa?
- ?
- Se favorece pretensões de terceiro?
- Por enquanto, são dois e é V. Ex.^a aquelle por quem a mamã tem mais filé.
- E do papá, não teremos o consenso?

— Encascou-se-lhe na pinha abichar para genro aquelle gajo...

— Que não é de muito bons costumes e um grande cabula! Inda hontem me disseram...

(Ia-se recommear a dança)

— O Sr. Dr. não vem dançar?

— Eu em materia de bailes não sou perito.

— Sempre é bom toscar de tudo...

— A outorga do pae, a outorga do pae!...

E numa poltrona João V, vendo

a loira galopar uma valsa nos

braços dum quintanista, toda

esquecida d'elle, continuava

a repetir:

— Art. 170 — O poder paternal termina:

... 3.^o Pela emancipação ou maioridade

de dos filhos...

NOTAS DUM CATURRA

SOBRE UM LIVRO ANTIGO

Gosto dos dias d'inverno, em que, como hoje, uma nesga de sol entra no meu quarto pela janella aberta. Umaz nuvensitas brancas dão ao ceu, d'um azul claro e delido, a mobilidade graciosa d'um sorriso. A natureza, nos dias assim, tem um aspecto de convalescença. E, como eu tenha passado estes dias em casa bastante doente e só hoje me sinto melhor, agrada-me a conformidade da natureza com o meu estado e estou contente, por me parecer que o dia foi feito para mim. E' sempre a velha mania humana de nos julgarmos em todos os momentos da vida, o centro e a razão do Universo. De certo pensam da mesma fórma as creanças que, na rua, por debaixo da minha janella, brincam, saltam e riem, sob a caricia tepida do sol e um pardalito esperto que, no beiral do telhado fronteiro, procura, philosophicamente, entre as frinchas da telha, alguma gulodice. Ninguem se ria d'esta hypothese. Sabe-se lá a natureza das locubruções que podem povoar o espirito caprichoso e vivo d'um pardal de telhado.

Tenho aqui sobre a minha secretária um volumesinho curioso, encadernado solidamente em carneira, que ha dias, a troco de duas moedas de cobre, tirei do mostruario d'aquelle velho que vende livros mais velhos do que elle, á porta da Universidade. Ao lado, ainda por abrir, está uma brochura amarella, com o nome do editor «Calman-Levy — Paris» e, ao alto, outro nome de escriptor conhecido, com fama d'um terrivel psychologo. O meu alfarrabio tem a data de 1668, edição de Lisboa e este titulo, prolixo: «Algúas Raridades da Natureza e outros casos dignos de mençam de que o auctor deu testemunho em quinze annos que assistiu na cidade de Coimbra» e, mais abaixo, em typo miudo acrescenta — «e onde tambem se refere a historia da donzella que enguliu um aranhão ma-

cho e do mais que depois se passou». Decididamente opto por este ultimo.

Eu adoro o commercio dos livros antigos não só pela salutar lição que ás vezes trazem, pelo perfume do passado que se evola das suas pagimas, mas tambem porque, no geral, os seus auctores são espiritos com quem é sempre agradável conviver, cheios de bonhomia e complacencia.

O volumesinho abre-se, por si mesmo, n'um logar marcado por uma fitinha verde, delida, quasi desfeita. Ha quantos annos ella marcaria entre aquellas duas paginas amarelladas, a passagem preferida e qual a mão do leitor, consciencioso e lento, que alli a collocára é o que eu não posso avaliar. Deito os olhos á pagina e leio. E' a tal «historia da donzella que enguliu o aranhão macho e do mais que depois se passou». A curiosa historia, e o facil, claro estylo em que foi escripta!

Lamento não a poder transcrever tal como está no livro. Era impossivel. Nas columnas d'um jornal não ficariam bem os archaismos de locução do auctor e perder-se-hia até o encanto da composição da pagina — com os seus caracteres typographicos primitivos e ingenuos como o conto que traduzem. Sei que a vou estragar, modernisando-a um pouco, mas não resisto á

tentação de a reproduzir e ella ahi vae.

— *Historia duma donzella que enguliu um aranhão macho, &c...*

— «N'aquelle tempo vivia na cidade uma donzella notada entre todas as da sua condição e nascimento, pelos dotes naturaes de formosura que Deus lhe concedêra e pela modestia e compostura de seus modos e dizeres.

«E tal como era, não havia ninguem que d'ella se apartasse sem pezar e que della se aproximasse sem prazer. E assim era por todos geralmente estimada e tida na conta d'uma honra da cidade e de seus paes. Era esta moça tão prudente e receiosa que a mais pequena coisa a punha em tal tremura a allicção que, a um tempo, fazia pena e dava grande riso a



Ramada Gurto



BARBAS PROPHETICAS

*Quem o viu! e quem o vê! Dantes metia medo
O seu genio terrivel, furibundo.
Matou o D. João . . . Não foi para o degredo,
Porque se receiou, — isto aqui em segredo, —
Que elle arrazasse o mundo!*

*Era medonho! A um pobre velho inofensivo,
Que morava no ceu, quietinho e mudo,
Não o matou, fez-lhe peor! Deixou-o vivo,
Mas tratou-o depois de algemado e captivo,
Como a um velho d'entrudo!*

*Agora é vê-l'o! — Olhos no ceu, fronte inspirada,
Com barbas de propheta ou ermitão,
Canta o luar, a flôr, a luz da madrugada,
E as aves do ceu, ao ouvi-i'o, em revoada,
Veem-lhe comer á mão.*

*S. Francisco d' Assis prégava, antigamente,
Ao irmão lobo e ás andorinhas.
Este tambem. Prêga sermões a toda a gente,
E só tem gasto o seu latim inutilmente
Co'a maromba das vinhas.*

*Diz a lenda que, outrora, o diabo se fez frade,
Mas não logrou esconder o rabo . . .*

.
*D'esta comparação pôde, á sua vontade,
O leitor concluir . . . Tire a moralidade,
Que eu, cá por mim, acabo.*

quem, em tal estado, a via. Um rato que, de certa vez, atravessou deante d'ella fe-l'a, de prompto, perder todos os sentidos e ficar como morta. Pelo que, um parente proximo que tinha, moço destemido e de bons dotes, lhe fazia grande censura, rindo-se e causando-lhe medos e receios constantes, com que conseguiu mais dó que os paes com recatos e cuidados, pois que ella junto do tal parente parecia mais aquietada e em socego.

«E isto vem aqui para mostrar como, pela sua formosura e timidez, ella era estimada de todos e como, pelo que depois lhe veio a acontecer, era presentimento que ella tinha, o seu constante receio de ratos, cobras, baratas, e aranhas. Pois que um dia a moça entrou de enristecer e as côres que tinha no rosto lhe fugiram, e o pouco que comia não lh'o consentia o interior, antes sempre o deitava fóra de manhã em meio de grandes agonias. E o mais feio da doença que a pobre tomára foi que o corpo lhe ia engrossando de mez a mez, a tal ponto que já perdera a graça natural do talhe e nem podia apertar os vestidos.

«Não davam os cirurgiões e mestres que a viam com a razão de maltão mo-fino e todos diziam que se deixasse o tempo dar-lhe allivio, com o que a familia muito se affligia, visto o mal não ceder antes de um dia para outro ir em augmento. Até que o tal parente da donzella foi buscar ás afóras da cidade uma mulher que lá vivia e de quem corria fama de ser mais entendida em molestias que todos os phisicos do reino. E a tal mulher vendo a donzella viu logo que a razão do dito mal estava n'um aranhão macho de pernas negras que ella tinha engulido havia seis mezes.

«Ouvindo isto, a pobre bradou para o parente que muita razão tinha ella em seus receios e muitas vezes lh'o havia dito, do que elle fizera sempre grande zombaria. E a tal mulher disse que ella tinha artes de fazer sair o aranhão do interior da donzella, se a deixassem ir tres mezes com a mesma, em sitio ermo, nas afóras da cidade, onde só as duas estivessem, pois que d'outra

fórma, o aranhão sentindo mais gente fóra tomava receio de sair e não saia. E que para o fazer sair bastava pôr uma mosca na bocca da donzella, pois que sendo os aranhões muy gulosos de moscas este subiria ao engôdo e facilmente se tirava depois. O que havia de custar á doente algumas fortes dôres pois que o animal havia de forcejar por não sair. Mas que, com isto se não assustasse muito a pobre, pois que muitas outras creaturas e desde que havia mundo tinham soffrido semelhante mal.

«E assim se fez como a mulher disse, indo a doente com ella e voltando a casa de seus paes volvidos trez mezes, já curada e, como todos foram de parecer, mais forte e mais augmentada em formosura pelo que a familia teve grande alegria. E o aranhão o trazia dentro d'uma bocêta já morto, tão negro e cheio de pello que todos tomaram asco em lhe pegar, faltando só acrescentar que os paes da donzella recolheram em casa uma creança recém-nascida que era pobre e era da mulher que tratára da donzella e, por gratidão o fizeram e a tratavam como se fosse neta propria d'elles e filha da donzella a quem chamava mãe.

«E d'estes successos de que dei noticia se tira a lição e o proveito de que — sempre que uma donzella engula um aranhão se lhe deve pôr, para que elle saia, uma mosca na bocca».

Talvez o conto seja ingenuo mas ninguem lhe poderá negar a virtude de o ser.

Que a ingenuidade é uma virtude e muito de apreciar. Especialmente em litteratura onde é já rara, nos torturados, complexos tempos que vivemos — como o prova sobejamente o livro de capa amarella que tenho sobre a mesa e que é do terrivel Bourget, um analysta que se compraz com a miseria humana.

RAMADA CURTO



Christia o Cruz



CINEMATOGRAHO

1.^a Sessão

Parece que Alexandre Herculano nasceu ainda no tempo dos francêses. Assim o affirmam pelo menos os srs. Marçal e Castro, que, ao que também parece, sam estudantes da Universidade, propondo essa coisa simples e quotidiana que se chama um centenário.

Alegremente eu hoje recolhi no *Seculo* a grata noticia de que a Academia de Coimbra, generosa como uma ama e bôa como o bom melão, tinha entregue aos supraditos cavalheiros a realisação desse centenário, ruidosamente abraçado pelos estudantes do paiz.

Ignorando em primeiro lugar quem sejam Marçal e Castro, se porventura, como Herculano, seram do tempo dos francêses, e ignorando por igual a razão do centenário, pedimos ao Sr. Herculano que nos diga quem é Castro, quem é Marçal, e a Marçal e Castro que nos digam quem é Herculano.

*

Porventura aquella velha *blague*, afanosamente reeditada como traço definitivo de psychologia — *les portugais sont toujours gais* —, chegou a Londres, em Londres se repetiu; e os olhares londrinos reviam-na inconscientemente no sorriso matinal do sr. D. Manoel.

Dahi constar que o sr. de Fife, grave como um *baronet* legitimo, opôs á coscuvilhice das chancelarias o constante sorriso de El-Rei, talvez mesmo a velha *blague* sobre o espirito português. Assim se parece deprender da nota que a Havas communica a quinhentos mil jornaes, annunciando num periodo lapidar que o Rei Manoel, em certo dia (ignoro se sua Magestade porventura estaria em Windsor) correu varias lojas de Londres, adquirindo objectos da maior utilidade; pelo que todos foram concordes em louvar a regia discreção.

Parece que, no seu reino, devotados patriotas se commovêram com esta noticia,

vislumbrando logo o povo inglês, parado, admirado, fascinado, extasiado, saudando as disposições praticas do moço rei com versiculos da Biblia.

E como tudo neste mundo é relativo, eu, legitimo português, sem o sentir da proporção, pergunto a mim mesmo o que terá comprado El-Rei.

Porventura um cofre-forte?
Simplesmente um bidet?
Ou um canhão Amstrong?

Oh! o espirito inglês!
—A sabedoria das Nações!...

COIMBRA

Historia alegre do Manoel



José do Meyra

O Manuel foi o rapaz mais alegre do seu tempo. Não tinha a pallida alegria dos doentios e azedos chasqueadores de profissão. Era saudavel, viril, desempenado e bom. Tinha uns músculos d'aço, um estomago de avestruz, uns dentes de carnivoró. Protegia os caloiros perseguidos e namoriscava sentimentalmente, aos domingos, nos dias de musica no Caes.

Durante o curso dos Lyceus foi apanhando alguns puxões d'orelhas, do pae. Mas, á medida que ia accumulando as suas approvações nas sciencias e nas lettras, o velho, com um respeito supersticioso de homem do campo pelas coisas de estudos e diplomas, foi espaçando cada vez mais esses methódicos puxões d'orelhas.

No último anno do lyceu, o Manoel foi tratado em sua casa como um ser superior, que se ia formar em direito. E de muito lhe valeu essa veneração familiar porque, mais do que nunca, elle se mostrou esturdio, cábula e estoira-vergas. Eram os preparativos e ensaios para a bohémia de Coimbra.

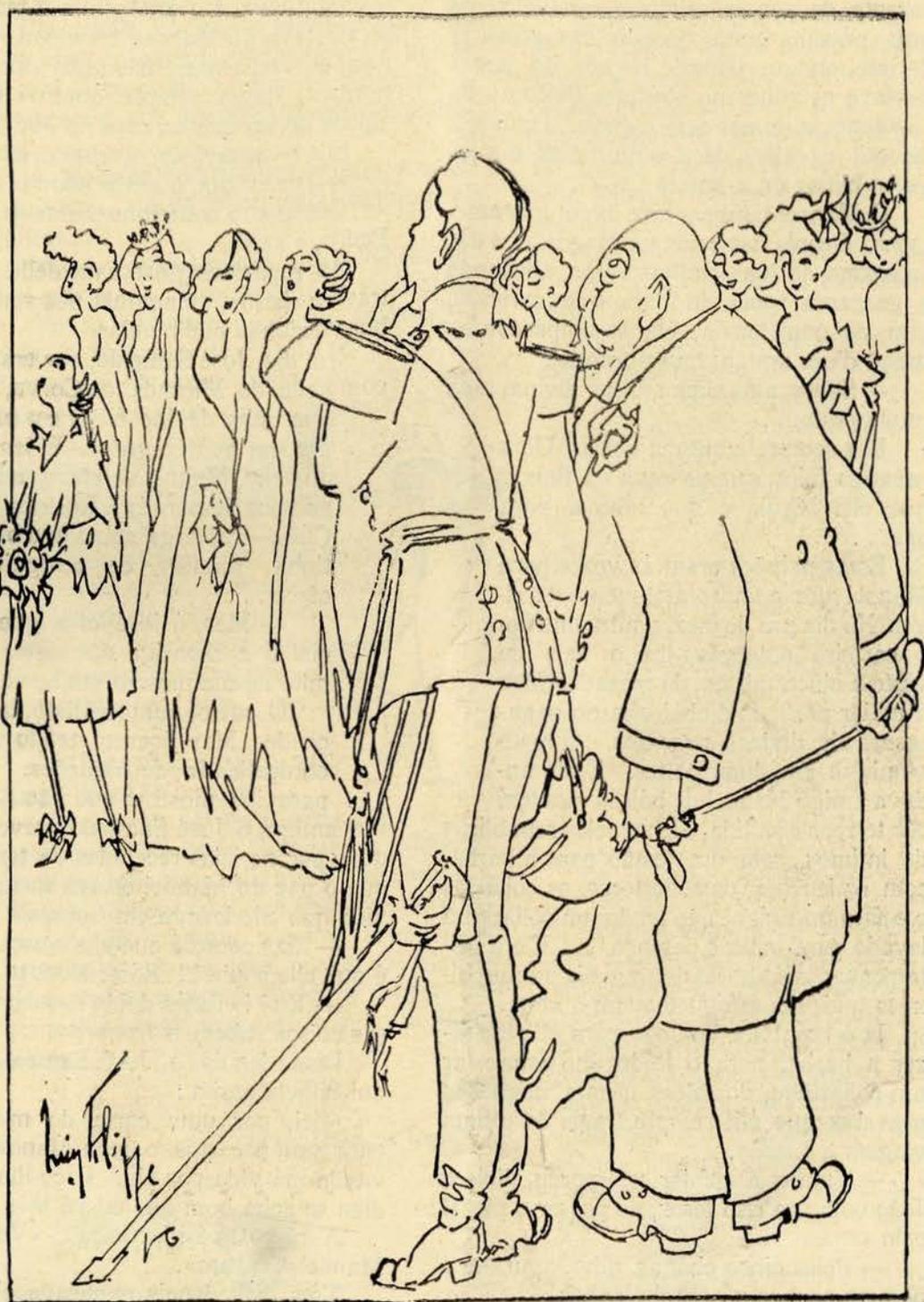
E elle foi, na verdade, um bohémio exemplar.

Ultimos echos duma viagem real



- Creia que essa é ainda mais formôsa do que a outra.
- E para isso não é preciso muito...

Ultimos echos duma viagem real



— Ouve lá, Eduardo, não ha nenhuma... americana?...

Levantava-se ás onze da manhã e ia a correr para a aula, sem lavar a cara, com um trapo vermelho em volta do pescôço. De mez a mez era chamado e, lendo mal a sebenta da sua *aza*, tinha invariavelmente uma péssima nota. Depois das aulas ia dormir até ao jantar. Depois do jantar passava as noites no Marques Pinto ou no Lusitano, a tomar café, a beber cognac, a discutir cavallos, cães e mulheres, e a jogar o bilhar ou a batota.

O Manoel tambem teve aventuras amorosas. Depois das ceias no Magrinho e das serenatas ao luar, muitas veses, adoçando a garganta rouca do vinho num caricioso tom de confidencia, elle se amparava ao braço d'um amigo, murmurando:

— Sabes, amo uma mulher divina, uma mulher que...

Era sempre a mesma coisa. Uma rapariga loira, que passava na Baixa, que elle seguia e que olhava para elle...

Essas paixões eram ás vezes para Manoel um compromettimento terrivel. No dia um do mez, pontualmente, o carteiro entregava-lhe o vale de vinte e cinco mil rs., da mesada. Mas a maior parte do dinheiro ia no pagamento de dividas urgentes. O resto sumia-se em duas noites. E ahi andava amigo Manoel de bolsos virados, côr terrena e pallida, á lebre pelas repúblicas de intimos, sem um tostão para a barba, com os lençoes, os cobertores, os colchões e o fato no prégo, não tendo um collarinho lavado para tapar o pescôço!... E era justamente nessas horas de angústia que as paixões mais lhe esfogueteavam a alma.

Ia á republica do João para elle lhe fazer a barba, para o Pedro lhe emprestar um collarinho, dos altos, e uma daquellas gravatas que elle sempre trazia da ultima viagem a Lisbôa.

— Vamos a esfolar este porco, dizia o João com um riso feroz, ao passar o pincel pelo sabão.

— Pelas cinco chagas, filho, apura-te e não me enchas a cara de lenhos.

— Vamos a isto, vamos a isto!

E empurrava-lhe a cabeça de encontro

á parede. A navalha raspava os queixos como uma serra mal affiada. De vez em quando ouvia-se um urro de dôr. O João parava, verificava, impunha um: *silencio!* e continuava o trabalho... Quando elle se afastava do Manoel, terminada a tarefa, nós, os assistentes, dávamos um grito de horror. Havia sempre quatro ou cinco sulcos de sangue na cara do Manoel.

Elle levantava-se, olheirado, extenuado:

— Dizem que o amor não faz soffrer...

Punha um collarinho e uma gravata do Pedro, e sahia.

As raparigas gostavam d'elle. Encontrava a mesma sympathia nos sorrisos das burguezinhas pudibundas.

Um dia, José Sampaio, que era tambem como elle de Miranda do Corvo, disse-lhe que tinha de lhe fallar em particular, por um motivo grave. E lembrou-lhe que elle, Manoel, andava a fazer um namoro descarado á Rosinha de Santa Clara—rapariga sobre que o Sampaio tinha direitos de antiguidade no cêrco...

— Mas, ó José, olha que o essencial é a rapariga dar sorte. E ella a mim dá-me mesmo muita sorte...

O outro, muito pallido, ia desfallecendo. Mas ficaram tendo a mesma cordealidade de relações. E, como para lhe mostrar que não ficava menos amigo, o José Sampaio preveniu-o de que, por noticias recebidas da terra, sabia que o pae do Manoel estava furioso com a vida que elle levava em Coimbra...

— Mas como é que elle soube?! como é que elle soube?! Só se foste tu?!

— Eu?! Estás doido! — Homem, essas coisas sabem-se sempre.

Dias depois o José Sampaio recebia um bilhete assim:

«Sei, por uma carta do meu amigo para seu pae, que o meu Manoel está levando má vida por ahi. Peço-lhe que me diga se acha bom que eu vá lá».

A resposta foi laconica: — «Venha, snr. Manoel Ventura».

Tres dias depois explicava elle ao velhote:

— Seu filho é bom rapaz, mas precisa



Lebre e Lima

de ter mais juízo. Gasta dinheiro sem lhe deitar as contas, mette-se em pandegas e desinquieta raparigas sérias . . . O melhor é o senhor comprar um chicote, para lhe metter medo, eu levo o rapaz lá para minha casa, o senhor apparece-me a berrar se está lá o seu filho, quer-lhe bater, eu intervenho e elle apanha um susto dos diabos . . .

— Homem, isso custa-me muito, mesmo a brincar . . . Elle já vae caminhando para doutor . . .

Mas o José Sampaio pintou-lhe as cousas em negro. E o velhote lá se decidiu.

Foi-se esconder no portal frõnteiro-á casa do Sampaio, de chicote em punho. E, depois de vêr entrar o Manoel, muito pallido, pelo braço do amigo, pôs-se a berrar:

— O' snr. Sampaio, está ahí o meu filho, que o quero rachar?!

— Está, está! Suba, snr. Ventura!

O pae subiu, com um fingido furor nos olhos. Levantou o chicote e estirou-o nas costas do filho. Então o Sampaio, cruzando os braços, tranquillamente, pôs-se a dizer, numa voz apagada, sem convicção:

— Deixe lá o rapaz, snr. Ventura! deixe lá o rapaz!

O pae não se fez rogado. Mas nessa noite o proprio Sampaio se offereceu para dar uma fricção de arnica nas costas do Manoel. E com tamanho enthusiasmo o fez que, no dia seguinte, o pobre rapaz não se atreveu a sair de casa, curtido de dôres e desesperado por não poder ir rondar, enternecidamente, a casa da Rosinha de Santa Clara.

LUIS DA CAMARA REYS



CINEMATOGRAPHO

Segunda sessão

Deliciosa soberania theorica essa de Muley-Hafid! Agora mesmo acaba elle de enviar a Espanha embaixadores que longamente estudaram com o sr. Caballero a qnestão do Riff. Muley apressa-se a declarar que a sua intervenção nem sempre foi feliz, dada a independencia em que vivem as kabyilas. A Espanha, pelo seu lado, generosamente affirma que ella mesma é interessada em manter a existencia do Imperio.

Muley-Hafid, de consciencia satisfeita, estira-se ao comprido sobre a divida enorme e o abraço das potencias. E sonha o seu sonho de opio, regalado.

Solido esteio — este das tradições seculares . . .

*

E' grave o receio de que o sr. Sonnino chamado a constituir governo pelo rei Victor Manoel, não consiga encontrar ministros.

Aqui tomámos a liberdade de lembrar ao sr. Sonnino cinco milhões e meio de homens de talento que em Portugal esperam um breve gesto seu.

*

Parece que o ex-sultão Abdel-Aziz perdeu o direito ás joias que um antigo valido entregára a um penhorista, em Paris. Vai, receiando-se o escandalo internacional, no momento em que o leiloeiro offerecia ao publico um collar de perolas, acompanhando-o do desenho palavroso do cõllo em que algum dia assentára, — o representante do sultão, simplesmente, prohibiu a venda.

Por seu turno o Tribunal Civil, para onde o penhorista levára o caso, decidiu a favor do ex-sultão.

A logica dos immortaes principios é profundamente grande, ainda mesmo quando o soberano que os encarna — deixou de o ser!



J. Fo. Valerio

São mais as vozes ...



— Ora adeus, a reacção não é tão intolerante como a pintam!

Papelaria Borges



COIMBRA

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES
ILLUSTRADOS

**Apparelhos e mais material
para Photographia**

Para os Ex.^{mos} Academicos faz
preços excepçionaes nos grupos
de cursos e em retratos, que se
encarrega de mandar reproduzir
na Allemanha.

*N. B. — Ha já grande numero
de assignaturas para encommendas;
e pôde fornecer amostras de algu-
mas, executadas com a maxima
perfeição.*

Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos
doces de ovos, e de fructa de to-
das as qualidades, em seccos,
crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os generos

Pudings de diversas qualidades, Pão de
ló pelo systema de Margaride, Galantines di-
versas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognaes, Champagnes e Licores finos das
principaes marcas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates, Bom-
bons, Drops, Queijos, Chás e artigos de
novidade

Unica casa que vende a finissima
manteiga da QUINTA DE FON-
TELLO—Paços de Ferreira e os
deliciosos rebuçados de fru-
etas especialidade da Pada-
ria FÁRIA do Porto

150. Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23

Grandes Armazens do Chiado



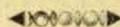
E' o estabelecimento
que melhor e mais bara-
to vende em

Coimbra

Rua Ferreira Borges



A Elegancia de COIMBRA



SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D. Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo
o Paiz, não recommenda o seu fa-
brico.

DROGARIA VILLAÇA

Coimbra

Completo sortido de drogas, productos chimicos
e pharmaceutics.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios

LOUIS FONTAINE

Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSÕES

Provisoriamente

28, Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

entrada pela Moura da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

O mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de *modas, chapéus, confecções, lanificios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos*. Ateliérs de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Um dia por mez

Fazendas de Graça!

Pedir instrucções nos

Grandes Armazens de Lisboa

LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

23 — Marco da Felra — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para colleccões. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Souza Nazareth e F.º

20 — Rua Ferreira Borges — 21

COIMBRA

Completo e variado sortido de casemiras para fatos e sobretudos, luvas, collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

GRANDE CAFE CONCERTO

Antigo Café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA